

EL SALVADOR Guerra civil

A guerra civil na década de 1980 levou a uma enorme turbulência a população, com até 40 % da população sendo realocizada e perto de 20 % sai do país. As estimativas das mortes nos doze anos de guerra civil atingiram 80.000, incluindo doze mil civis mortos em 1981. Em 1982, a mutilação assassinos, especialmente decapitações de adultos e as crianças foram usadas como mecanismos sociais de terror.



Veículos automóveis, bicicletas e peões multidão uma rua movimentada no centro de San Salvador.

Oficialmente a repressão veio em resposta à organização política do povo nos anos 1960 e 1970 como os trabalhadores, camponeses, mulheres, estudantes e moradores de barracos das cidades, à procura organizações políticas e os direitos econômicos. Muitos ativistas políticos consideraram que uma "legal" organização política não daria origem à mudança política e começaram a organizar a guerrilha clandestina formando unidades que formam a FMLN em 1980. Em 1979, a FMLN foi percebida como uma ameaça pela ditadura militar.

Um novo espírito de ativismo surgira dentro da Igreja Católica. Camponeses e trabalhadores rurais vinculados à igreja cristã formam "base comunidades" e cooperativas agrícolas na década de 1960 e 1970. padres e freiras progressistas formavam grupos de estudo bíblico que levaram os camponeses a refletir sobre as condições locais. Esta organização foi considerada subversiva e comunista e se tornou um alvo de repressão governamental.

Um grupo de jovens oficiais encenou com um golpe militar e formaram um gabinete constituído por civis a partir de um amplo espectro de partidos políticos. As forças armadas e a oligarquia encetaram frustradas tentativas de mudança. Formaram três juntas consecutivas que foram incapazes de implementar reformas e parar as atrocidades.

Em 1980, o arcebispo de San Salvador, Oscar Romero, que tinha se tornando um enérgico crítico da opressão militar, foi assassinado enquanto falava às massas. Isto levou muitas pessoas das comunidades cristãs de base e organizações políticas integrarem a resistência armada. Cinco exércitos revolucionários se uniram para formar a FMLN.

Em Novembro de 1989, a FMLN lançou uma ofensiva sangrenta nacional, em várias partes da capital. A cobertura Internacional da ofensiva aumentou a pressão para uma solução negociada para o conflito.

Em 31 de Dezembro de 1991, o governo e a FMLN assinaram um acordo sob os auspícios das Nações Unidas, e um cessar-fogo entrou em vigor em 1992.

Alfredo Cristiani, do partido da Arena foi eleito presidente em 1989. Em 1991, um cessar-fogo foi assinado. A guerra civil terminou oficialmente em 1992 no âmbito de um plano em que as forças guerrilheiras concordaram em desmantelar a troca de um programa de reformas políticas e econômicas por parte do governo. Em 1994, no primeiro pós-eleitoral, Armando Calderón Sol, também da Arena foi eleito presidente.

Os Acordos de paz incluíam reformas militares, incluindo uma redução no tamanho das forças armadas, e uma nova doutrina destacando os valores democráticos e proibindo que atuassem na segurança interna, bem como proibiu-lhes a utilização de grupos paramilitares. A Polícia Civil Nacional foi

criada para substituir a repressão da Polícia Nacional. Reformas judiciária, eleitoral e sociais incluíram a reforma agrária e o governo financiou empréstimos para compras de terras.

Polarização ideológica entre os dois lados do conflito tornou a reconciliação difícil, e o governo não foi capaz de perseguir os violadores dos direitos humanos, ou coibir as injustiças sociais. Muitos salvadorenhos, sobretudo rurais camponeses, não confiavam nos líderes políticos da nação.

Em 1998, o furacão Mitch causou danos generalizados no país.